



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

28 de Agosto de 2010 • Ano LXVII • N.º 1734

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

MADRE TERESA DE CALCUTÁ NASCEU HÁ CEM ANOS

Padre João



AINDA o ardor juvenil tomava conta de nós, quando os nossos olhos se cruzaram com a imagem daquela freira vestida “à moda indiana”... O que mais impressionava nela, não era o “sari” mas a força sobrenatural que irradiava daquele corpo franzino e, aparentemente, vergado. O seu olhar profundo e envolto na tez amorenada do seu rosto, faziam-nos lembrar passagens bíblicas descrevendo grandes mulheres do Antigo Testamento...

Era Madre Teresa de Calcutá que a si mesma se apresenta: «de sangue sou albanesa, como cidadã, indiana; quanto à fé sou uma freira católica, por vocação pertença ao mundo e afectivamente pertença ao Coração de Jesus».

Tendo ingressado na Congregação do Loreto, aí tomou o nome de Teresa evocando a protecção de Santa Teresa de Lisieux. Depois de professar, foi enviada pela sua congregação para a Índia. Chegou a Calcutá em 1929. O contacto com a pobreza extrema que campeava pelas ruas daquela cidade fizeram mudar o rumo da sua vida. De directora de um lar feminino, de estudantes, dirigido pela sua congregação e após 2 anos de prova e discernimento, fundou a congregação das Missionárias da Caridade, passando a envergar o “sari” branco orlado de azul como hábito distintivo da sua congregação. Visitava bairros pobres, famílias doentes, tra-

tava de crianças feridas e velhos estendidos e abandonados nas ruas – famintos e tuberculosos.

Dotada de extraordinária força interior, a todos tratava como se o Próprio Jesus neles visse. Era a força divina que a impelia porque, também afirmava, que por dinheiro algum do mundo o faria... Era o amor de Jesus – o amor Caridade, a Sua Luz e Força. Não uma qualquer opção de solidariedade e a qualquer preço. O Amor de Jesus, simplesmente!

Foi nesta linha de entrega «aos pobres mais pobres» que a sua acção e apostolado se consolidou como congregação reconhecida, primeiro, pelo Arcebispado de Calcutá, em 1950 e finalmente consagrada por Roma, em 1965 por Paulo VI.

Rapidamente uma nova congregação, com tais traços de novidade evangélica, se difundiu pelo mundo fora. As suas alunas foram as primeiras a seguir-lhe os passos, apaixonadas pela Caridade e pela força interior que dimanava da sua irmã e fundadora. O mundo, atento, não tardou em lhe reconhecer mérito – que ela não buscava de modo algum. Assim, em 1979, Madre Teresa recebe o Prémio Nobel da Paz, distinta galardoação como reconhecimento do seu trabalho de promoção humana em favor dos mais pobres e em prol da vida humana. Foram interpelantes as suas frequentes intervenções, em favor da vida e con-

tra o aborto. «Se ouvirdes que alguma mulher não deseja ter o seu menino e pretende abortar, procurai convencê-la a trazer-mo. Eu ama-lo-ei vendo nele o sinal do Amor de Deus».

Madre Teresa de Calcutá nasceu a 26 de Agosto de 1910 e morreu a 5 de Setembro de 1997. A 19 de Outubro de 2003 o Papa João Paulo II beatificou-a. Na Missa de beatificação, João Paulo II definiu Madre Teresa de Calcutá como «ícone do Bom Samaritano». Por ela nutriu grande admiração ao afirmar: «estou grato a esta mulher corajosa que senti sempre ao meu lado».

A sua força e tenacidade, diz ela, procedia da Eucaristia e da adoração ao Santíssimo Sacramento. Era a rocha da sua vida e da sua entrega «aos não desejados, aos não amados, aqueles de quem ninguém queria saber». Foi assim que o disse e fez, com ousadia: «prefiro cometer erros na ternura e afecto a fazer milagres na mais fria indiferença».

Sobre a pobreza escreveu lapidarmente e de forma revolucionária: «a maior pobreza que conhecia não estava nas ruas de Calcutá, mas nos países ricos onde falta o amor... Não há só fome de pão. Há sobretudo fome de amor. Fome de ser querido, de ser amado». Este, um grande desafio, por ocasião deste centenário, para quem a segue.

O seu testemunho vale como estímulo para nós também. □

SINAIS

Padre Telmo

«**D**E Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes». Assim o nosso Lar de Luanda.

Quando o Carlitos — que foi o chefe do Lar desde o seu começo — saiu, por motivos familiares, Padre Rafael reuniu os Rapazes, estudantes no Lar, e propôs-lhes se queriam e prometiam assumir a responsabilidade. Eles que sim.

Reuniram e escolheram para chefe o «Papá», para tesoureiro o Zeferino e o «Sebas» para as compras. Combinaram com o Padre Rafael o envio para uma conta da importância relativa aos gastos de um mês, no fim de cada. Despesa: Propinas, material escolar, saúde e alimentação.

Tem corrido bem e todos passaram nos seus cursos. Eles sabem que não temos outra solução e até esta é conforme ao espírito da Obra.

Quando venho a Luanda, fico no Lar. Logo pela manhã, vejo o Cardoso pegar no carrinho de mão para levar o lixo ao contentor. Zeferino e «Papá» tratam do pequeno-almoço. Mateus, com aulas de tarde, faz o almoço. Um dos que tiveram aulas pela manhã, trata do jantar. E, assim, são assumidas pelos restantes as outras tarefas.

Alguns mais velhos que já se formaram, vêm visitar-nos e, quando preciso, dão uma ajuda.

* * *

OS antigos gaiatos, que ajudaram a fundar a Casa do Gaiato de Malanje, todos os anos fazem um convívio com as suas famílias e, quando estou, marco presença. São dois dias em beleza: Recordamos tudo, brincamos, cimentamos a nossa amizade, recordamos as nossas caçadas e as carradas de pedra que, à noite, no velho tractor, trazíamos para a construção da aldeia. Enfim, todos felizes e em família. Não falta a santa Missa. Uma acha na fogueira da nossa fé — tantas vezes mortifica pelas aflições da vida. □

**FESTA-ENCONTRO
GAIATOS DO PADRE AMÉRICO EM AVEIRO
CENTRO CULTURAL E DE CONGRESSOS – GRANDE AUDITÓRIO
19 DE SETEMBRO DE 2010 – DOMINGO – 15.00H**

CONTACTOS:

Bilheteira, em Aveiro: Telef.: 234 406 300;

Horário: Segunda-feira a Sábado: 08.30h-22.30h. Bilhetes disponíveis também no dia do espectáculo.

Preçário: até 6 anos: entrada livre; 6 a 12 anos: 2,50€; maiores de 12 anos: 5€.

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo: Telef. 239 532 125, Fax 239 532 099, e-mail: gaiatomiranda@sapo.pt

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

DESEMPREGO — Tal como já tínhamos previsto em crónicas anteriores, surgiu-nos uma nova situação para acudir de um casal na idade dos trinta e tal anos afectado pelo desemprego. Enquanto outros apoios não chegarem e não for possível encontrar novos empregos, ajudaremos no que for mais essencial para a sua sobrevivência.

Para estes esperamos que as suas capacidades lhes permitam sair da situação em que agora se encontram. O pior são aqueles de que já aqui falamos várias vezes que estão em situação de desemprego de longa duração, com idades superiores às deste casal, em situação familiar desequilibrada, sem qualificações profissionais de jeito e sem cabeça para reencontrarem, por si próprios, um novo trabalho e uma vida condigna. Quando a isto tudo se vem juntar o vício do álcool as coisas complicam-se ainda mais. Já tivemos casos destes no passado que nos deram muito que fazer. Agora temos outro que também não está a ser nada fácil.

TÔMBOLA — Tal como já tem acontecido em anos anteriores, durante a festa da Nossa Senhora da Lurdes, as Vicentinas organizaram uma tómbola com coisas que elas próprias e pessoas amigas doaram. É uma forma de dar sinal da presença da Conferência na paróquia e de apelar à solidariedade da comunidade local. Além disso, também nos faz muito jeito a verba que se conseguiu arrecadar para, em conjunto com as generosas contribuições dos nossos leitores, nos permitir fazer face às necessidades a que temos que acudir e cujo montante já aqui vos referimos em crónica anterior.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

MALANJE

Rapazes de Malanje

ESCOLA — Na nossa passámos uma vergonha, depois de dez Rapazes serem suspensos por excesso de faltas; uns chegaram a ter trinta e os nossos «Pais» Telmo e Rafael ficaram muito tristes, mas esta tristeza, apesar dos pesares, e como não podia deixar de ser, levou a um castigo dos faltosos, é que em nossas Casas não podemos deixar passar em claro aqueles que “passeiam” os livros enquanto toda a comunidade se desdobra em esforço para que obtenham resultados. Assim, com muita mágoa, os faltosos foram castigados, temporariamente (durante um trimestre), a cuidar dos nossos animais; quer bovinos, quer porcinos. Na óptica de Pai Américo, o trabalho físico é um grande motivador de princípios, uma das regras das nossas Casas, é dar mérito aos que merecem; e, de certa forma, não é castigo o que lhes foi proposto, mas uma chamada à responsabilidade quando os bons conselhos se ficaram pelas palavras e não foram ligados à vida real. Outra pessoa muito triste, neste caso, foi a Irmã Marlene, que dedica abnegadamente, muitas horas do seu dia, para que os rapazes tenham bom aproveitamento acompanhando-os no estudo escolar desde o início do ano até seu final.

APELIDOS — O «Mendes grande», é um rapaz que tem sido o promotor (e o fornecedor) das «alcnhas» dos nossos rapazes. As alcunhas surgem sempre que um rapaz, entrado em nossa Casa, tem um nome de que outro também é possuidor; por isso, para que os possamos distinguir, usamos a alcunha para os diferenciar. Desta vez, não teve grande sorte; pois, nas alcunhas, mas ficámos todos a saber como o faz com alguma tristeza. Antes de mais, devia pensar melhor e não arranjar para os outros «alcnhas» que lhe ficariam bem a si.

INCONTINENTES — Temos em nossa Casa um problema grave: rapazes com uma idade adulta que ainda “fazem” na cama e que nos trazem um outro problema — a longevidade dos colchões; até mesmo os ferros que as suportam, sofrem desta “doença”. Se alguém souber como se cura esta “doença”, agradeceremos nos diga como.

AUTOCARROS — Temos dois autocarros: um branco, outro azul. Este último, tem uma chaparia nova e o motor muito velho, é uma «pedra no sapato». Semanalmente, tem uma. Por isso, pedimos aos nossos Amigos para que nos ajudem neste particular; pois, mesmo o branco já está esgotado pelas fadigas do dia-a-dia.

AGRICULTURA — O nosso Padre Rafael, no seu optimismo, tem-nos dito que os Rapazes têm que ser corresponsáveis na economia da nossa Casa, com o próprio trabalho. Assim, o Hernâni e o Gonçalo, organizaram o grupo da agricultura, e já estamos a pensar nas plantações para a horta. Daqui a pouco, vamos iniciar uma plantação de ananás. Em conclusão: damo-nos conta que, com o nosso trabalho, podemos ter melhores condições de vida.

MECÂNICA — Temos, neste momento, dois mecânicos que trabalham com o objectivo de prepararem os nossos autocarros para serem mais funcionais, cada um deles no seu. Mas há peças que se perdem na oficina pela irresponsabilidade deles. Contudo, pensa-se que cada mecânico quer mostrar melhor trabalho, e é por isso que, às vezes, uma peça que pensamos ser para um carro, é montada no outro. Mas nem sempre acontece, o que nos leva a estarmos mais atentos. Afinal, temos tantos dissabores...

VISITA — Em 16 de Junho, Dia da Criança Africana, recebemos a visita da «Miss Malanje» acompanhada pelo dono da empresa, que nos fez algumas ofertas de valor. Houve muita música animada pelos nossos Rapazes dançarinos. O nosso Padre Rafael não esteve presente, porque se deslocou em trabalho. Foram recebidos pelo «Pai Telmo», que ciceroniou a visita a nossa Casa, de que eles ficaram muito admirados e elogiaram a nossa arrumação.

OFICINAS — O trabalho principal na nossa serralharia tem sido a confecção de camas para os nossos «Batatinhas». De pequeninos, eles trazem alguns problemas que deterioram as camas. Uma preocupação que tentamos resolver por nós na nossa oficina: «Obra de Rapazes... pelos Rapazes». Na carpintaria, tentamos orientar a formação profissional dos nossos Rapazes, com três mestres a orientar para a qualidade, mas também, com esforço, para a quantidade que sabemos ser capazes de alcançar.

CHARRIOT — Está a funcionar com a responsabilidade de um gaiato antigo, o Manuel dos Santos, e o nosso «Adão dos patos». Com eles, mais dez trabalhadores. O Miguelito, que é o nosso motorista, também tem dado o seu contributo a esta empreitada juntamente com o nosso Padre Rafael. Eles têm feito o transporte dos toros, que vão buscar a Kalandula para a nossa Casa — e é uma longa viagem, ir e vir. □

Pelas CASAS DO GAIATO

RETALHO DE VIDA

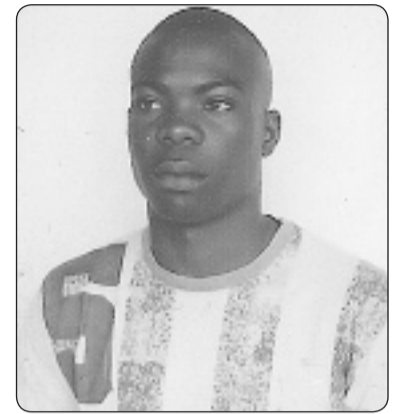
Dala Gonçalves

«Existir é, de algum modo, ser conhecido». Dala Gonçalves, é o meu nome. Nasci em 11 de Setembro de 1989, em Malanje. Faz tempo que vim para a Casa do Gaiato de Malanje pelos braços do nosso Padre Telmo.

Várias circunstâncias sofridas, foram o meu ontem — apesar de alguns momentos de contentamento. Mas, hoje, a minha dádiva é de reconhecimento à Casa do Gaiato e a todos quantos a tornaram possível (de Angola a Portugal). Sem o sentido de

“arriscar”, ninguém teria feito o que foi feito por mim. Por isso, parafraseando, digo-vos: «A estrada define-se pelas curvas e a vida pelas decisões» e, como dizia Platão: «O homem é um fundo escuro que necessita de Luz».

No fundo, sou «um “alimento” a ser temperado por vários condimentos». Antes, pelas mãos de Padre Custódio; depois, pelo «Pai» Telmo e, agora, pelo Padre Rafael. Cada um timoneiro da barca onde os gaiatos vão, rumo



ao futuro. A eles tudo devo. Por eles o que sou.

O meu sonho, é ser filósofo. Tenho a ambição de saber. □

BENGUELA

César («Massauro»)

DESPORTO — O dia 16 de Julho é o dia mais importante para toda a família “gaiata”. Neste dia, a família junta-se para, juntos, celebrarmos e comemorarmos a festa tradicional de Pai Américo. Os mais velhos, antigos gaiatos, aproveitam este grande momento para darem o seu calor ou testemunhos aos mais pequenos, falando-lhes dos seus velhos tempos, enquanto estavam a preparar o seu futuro.

E os mais pequenos, nesse dia, aproveitam para escutar, e até alguns vão guardando na sua memória essas lindas histórias, contadas por essa gente crescida noutra tempo. É o dia que fica marcado para a vida de todos os filhos de Pai Américo, que têm dado grandes testemunhos por toda a parte do mundo. É uma obra que não pode ser esquecida.

Isto para dizer que neste dia o desporto também não ficou para trás, já que ele, dentro das nossas casas ocupa um lugar específico. Neste dia não se realizaram nenhuma actividades, por ser um dia de trabalho, mas sim ficou marcado pela celebração eucarística. As nossas actividades “desportivas” foram realizadas no dia (17-07), isto é, no sábado, no período da tarde, a partir das 14h30 e estavam organizadas por mim «Massauro» e ajudado pelo Luís «Maravilha» e o nosso Raimundo «Fugiu», onde constavam as seguintes actividades: corrida de patins, corrida de saco, jogos de matraquilhos, farinhaço a cara, bebedor mais rápido «de gasosa», a procura de tesouro e futebol «velhas Guardas e os Juvenis». Foi uma actividade onde todos puderam participar a começar pelos mais pequenos até aos

mais crescidos. Ela ficou marcada pela derrota dos da velha guarda por 1-0, golo marcado pelo defesa esquerdo “Iano” a partir dos 87m, quando tudo apontava para as grandes penalidades, mas o Iano quebrou com tudo e levou a equipa dos Juvenis a vencer a partida, onde no final os juvenis cantavam todos em coro: Pai Américo nos deu muita sorte, «as camisolas walale são nossas».

E no domingo tivemos apenas o tradicional desafio dos “Antigos gaiatos e os Gaiatos Actuais” onde no qual os Antigos gaiatos levaram a melhor, goleando por 3-1. No final, os Antigos gaiatos pediram apenas “respeito”. Apesar de tudo a festa não terminou por ali, mas sim o dia ficou marcado pela harmonia e a simpatia dos Antigos gaiatos que trouxeram para os mais pequenos. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

FESTA EM AVEIRO — A 19 de Setembro, Domingo, pelas 15.00h, será a nossa próxima Festa-Encontro, na cidade de Aveiro. Mesmo simples, é com alegria que queremos pisar o palco do Centro Cultural dessa terra, para divulgar a nossa Obra de Pai Américo. Em especial, aos Amigos dessa região, pedimos que não faltem ao espectáculo!

AGRO-PECUÁRIA — Temos andado sufocados com o calor por estas bandas, pois o ar circula pouco e o mar não é perto. Nesta época, apanhámos as batatas, no campo junto a um regato, ao lado da estrada para a Lousã. Soube-nos bem alguns gelados... Foram transportadas para o celeiro da batata, por cima do galinheiro. Antes, desinfectou-se essa secção e depois aplicou-se um produto anti-traça. A conservação das batatas tem sido muito difícil. Entretanto, cortou-se a relva dos jardins. Depois, continuou-se a limpar as ervas daninhas

dos bataréus, de frente para a rotunda Padre Américo. Os feijoeiros, da horta, foram estacados. E plantaram-se algumas couves. A fruta do pomar, às vezes, não chega a amadurecer... Deram-nos alguns coelhos, que agradecemos. Foi preciso comprar dois leitões, nada baratos, para ajudar a comer os restos com os gansos e as galinhas.

PREGAÇÕES — Alguns Rapazes acompanharam o nosso Padre Manuel, nas pregações da Palavra de Deus e na divulgação da nossa Obra. Isto vai acontecendo quando é possível. A 3 de Julho, Sábado, houve uma Eucaristia do XXX Encontro dos Antigos Alunos do Colégio de Nossa Senhora do Carmo, na Igreja da Misericórdia, em Penafiel; no qual o nosso Pai Américo foi aluno, pois aí fez exame da 4.ª classe, em 1899!

A 14 e 15 de Agosto, solenidade da Assunção da Virgem Santa Maria, deslocámo-nos à Figueira da Foz, como é

tradição antiga, no terceiro Domingo de Agosto. Fomos muito bem recebidos pelo Pároco, Sr. Padre João Veríssimo, pela Comunidade cristã e pelas várias assembleias dominicais. As pessoas demonstraram grande carinho por nós e estima pela nossa Obra. Foram os seguintes Rapazes: Aliu, Arménio, Betinho, Diogo Silva, Divino, Evguénio, Luís Miguel, Malam e Natanael. Dois casais Amigos deram-nos boas refeições. A todos os nossos Amigos, o nosso muito obrigado, pela amizade e generosidade!

FÉRIAS — Vários Rapazes tiveram oportunidade de visitar alguns parentes, nestas férias escolares de Verão. Esperamos que venham com vontade de se aplicarem mais, na vida da nossa Casa e nas Escolas. Aqueles que ficaram, mais pequenos, além dos recreios, em que aproveitaram a piscina, ajudaram nas várias tarefas necessárias nesta Família. □

LAR DO PORTO

José Alves e Adelaide

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «O ter é importante. Precisamos de trabalhar com o suor do rosto para nosso bem e para que haja a riqueza suficiente para todos viverem com dignidade de filhos de Deus. Mas temos de dar importância ao ser.»

Devemos ser generosos nas nossas acções do dia-a-dia, partilhando os nossos bens com os mais carenciados. A nossa alegria, o nosso tempo com aqueles que vivem só. E infelizmente são tantas as pessoas que vivem só; não precisam materialmente, mas precisam do nosso carinho.

Por isso, o ser e o ter não são inimigos, mas o mais importante é o ser — a riqueza que levamos deste mundo.

Vou dar notícia daqueles que o Senhor pôs no nosso caminho:

A mãe dos sete filhos, continua afilada com a alimentação deles, que é uma mesa cheia de crianças, crianças essas que estão na idade de crescimento e comem muito. Todos passaram de ano; são umas crianças inteligentes, uns amorzinhos. O mais velho quer ir para a Faculdade, mas tem medo de não ter possibilidades. Eu tenho fé em Deus que vai aparecer uma alma boa que ajudará; ele merece — nem parece um rapaz deste tempo.

A mãe dos quatro filhos e duas netas, espera agora mais um neto. Os filhos que andam na escola passaram todos de ano, são umas crianças queridas. Mas,

infelizmente, continuam a ser uma família muito desequilibrada, embora ela trate bem das crianças. Continua à espera de uma casa maior; aonde vive não tem condições nenhuma — mas está difícil.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — D. Lígia, cem euros. D. Fátima, do Porto, e D. Emília, de Arcozelo, vinte euros. E desejo a D. Helena, de Lisboa, umas rápidas melhoras. Muito obrigado a todos, em nome daqueles que são ajudados, o nossa bem-haja.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682, 4000-299 Porto. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Filhos desejados

NA cultura hebraica, de regime patriarcal, a dignidade da mulher aumentava com a maternidade. O decálogo prescreve que se honre pai e mãe, igualmente. Isto aconteceu com Jesus, nascido de mulher (Gál 4,4), Maria, Mulher única, cuja maternidade se estende a toda a humanidade, na Cruz!

Temo-nos perguntado seriamente que interesses estão subjacentes à desagregação da organização social, com base na família. E que sociedade se quer construir quando o papel da mãe e do pai se vai esbatendo, devido a uma mentalidade desviante. Os vínculos de parentesco entraram em declínio. Mais, há dificuldades de amadurecimento dos jovens, o que tem conduzido à quebra da idade adulta.

Entre os problemas actuais, para a sobrevivência da sociedade, é candente a transformação das famílias, com o aumento do divórcio, as uniões de facto e outras uniões, e a maior permanência dos filhos na casa paterna.

É evidente que se tem assistido a uma mudança de paradigma familiar. Na cultura ocidental, com a

quebra de natalidade, os que nascem serão mais filhos desejados? Infelizmente, muitas crianças acabam por não ver a luz do dia, com a desorientação anticoncepcional, e há também filhos rejeitados. No livro Divino, todos os filhos e filhas são desejados, queridos pelo Criador.

Do hemisfério sul, têm chegado muitas crianças à procura de melhores condições de vida. Do nosso conhecimento directo, em muitos casos, vêm acompanhados do seu pai, que vai sobrevivendo precariamente, mas deixou miséria maior. Por lá, ficou a mãe com uma prole imensa na pobreza.

Há uma ausência basilar nos filhos que nos são confiados e que reforça a nossa missão social e eclesial, de família para os sem família. É a falta da mãe de cada um, da sua mãezinha que os deveria criar. Entra, então, neste vazio uma mãe adoptiva e real daqueles que não podem sentir o bafo da que os trouxe no ventre. É uma vocação exigente, radical, diríamos uma grande provocação assumir essa cruz, todos os dias, claros e sombrios.

Vejamos como esta realidade é palpável. O mais pequenino, de 3 anitos, foi ver a sua mãe. Não tardou a comunicação de que o menino não falava e não comia. Tinha feito progressos na sua gaguez; todavia, com essa saída ocasional, prendeu-se-lhe outra vez a língua... Noutro momento, entre nós, numa visita, tinha chamado mãe à senhora da nossa Casa; o que entristeceu a progenitora...

Outro pequenino deu o nome de *Fatinha* a uma boneca que veio; pois, deixou de ver a mãe para vir tratar o seu coração fraquito. Contudo, passou a chamar mãe à D. Nazaré. Noutra situação, um Diogo tem uma mãe débil que abandonou o lar e, por isso, se desfez. Porém, já visitou o rapazito. Este é o que se adianta, largamente, a *acaçar* as contas do Terço, no Oratório.

Respeitamos profundamente e procuramos ajudar os pais e mães, quando existem, dos meninos que chegaram até nós e não tiveram outra alternativa de serem criados. Também não fazemos concorrência à adopção. Se, por condições de incapacidade parental e de recursos, esta Família é chamada a responder, não declinamos a nossa responsabilidade.

Quando uma criança tem um lar e uma mãe para o amar e deitar, é verdade, aqui e agora, a utopia de um mundo melhor! □

DOUTRINA

Pai Américo



Repercurções

OS senhores lembram-se de terem lido uma das últimas «Notas da quinzena», aonde vinha a história da menina do Asilo colocada numa casa de família por criada e recusar-se a trabalhar — lembram-se? Pois tem sido o bom e o bonito! Temos aqui recebido cartas explosivas todos os dias! A directora dum colégio do sul pede uma audiência e deseja vir por aí fora, até Paço de Sousa. Ela quer um congresso. Ela afirma que está tudo errado em matéria de formação da rapariga. A carta dela fumegava! Melhor do que cartas, sabemos que têm ido as donas de casa ao Tojal desabafar, com O GAIATO na mão e o dedo na ferida. Elas são boas testemunhas. Elas é que estão guardadas para colher o fruto da primorosa educação ministrada nos Asilos. Aqui está uma dona de casa a falar, eu transcrevo exactamente.

«**TOMAMOS** uma rapariga de 18 anos para criada. Rapariga de um Asilo de cá. Ao fim do primeiro dia, já se lhe conhecia a contrariedade que ia no seu interior. Ao terceiro, porque foi três dias depois que a mandámos lavar loiça e arrumar a cozinha, mostrou maus modos e as lágrimas caíam-lhe. Perguntou-se-lhe o que tinha. Num repente, revoltada e virando as costas com modos indignados, disse:

— Para que nos educam lá como eu tenho sido educada? Se nós temos de trabalhar nos serviços de criada, para que nos põem a fazer renda? Não quero servir. Quero ir-me embora. E não se pôde segurar senão cinco dias. Que tristeza!»

QUE tristeza, exclama esta dona de casa! Que tristeza, dizemos todos nós! Aonde está o verdadeiro motivo da nossa tristeza? No desalento daquela moça de 18 anos, confessado e experimentado por ela mesmo. É aqui que bate o ponto.

Era uma vez um moço que foi condenado à morte. Requer a presença da mãe. Antes de subir o degrau, dirige-se a ela e em lugar de um beijo, ferra-lhe uma dentada, ao mesmo tempo que exclama: — Por sua culpa fui condenado!

«Para que nos educam lá como somos educadas?!...»

ORA estes males são desnecessários. Podemos seguramente melhorar a sorte destas raparigas porquanto as pessoas encarregadas da sua formação são bem intencionadas. São pessoas sãs. Então quê? Um entendimento geral. Reunir todas as direcções destas Casas. Falar. Dizer. O que for ruim, bota-se fora. O que ficar, melhora-se. O que sobretudo importa, é tornar feliz enquanto estiver connosco a criança que hoje nos procura; e prestar-lhe os meios de se sentir feliz, quando, amanhã, tiver de deixar a Casa. Assim é que está certo.

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.

BENGUELA

Padre Manuel António

Quem muito ama também sofre muito

ERAM três pequeninos. Vinham pela mão duma mulher consagrada que os acolheu e guardou no seu coração, até este momento. Chegou a hora do passo em frente, a caminho da Casa do Gaiato. A família de sangue está perdida. Não estão registados. Têm direito à vida e a crescer, embalados na torrente do amor. Contudo, não puderam ficar connosco, por mais algum tempo. A Casa está cheia, à espera da saída com dignidade dos mais velhos para a sua vida autónoma. O único impedimento para que aconteça tão desejado objectivo é a falta de emprego condigno. As promessas estão de pé. Não de cumprir-se, a pouco e pouco.

Outros pedidos de entrada de mais crianças estão sempre a acontecer. É um verdadeiro exercício para o alargamento do coração. É verdade. Não deixeis que a indiferença e o egoísmo marquem o ritmo das vossas vidas. É no dar por amor que descobrimos a riqueza maior que se chama felicidade. Um cami-

nho duro e doloroso, muitas vezes, é certo. Quem muito ama também sofre muito.

À medida que o tempo das chuvas se vai aproximando, os pedidos de ajuda para a cobertura e arranjo das casas, muito humildes e deficientes, começam a chover com abundância.guardo o momento disponível para subir ao morro dos bairros circunvizinhos e ver. Queremos animar os mais corajosos e estimular os indecisos que vivem no chão. Quem dera pudessem ter a sua casinha com um mínimo de dignidade. Contudo, a maioria absoluta do nosso povo não tem possibilidade económica para dar este passo tão determinante da sua vida. A ajuda que lhe possa ser dada por nós é pequenina, porque não temos possibilidades financeiras. É pelas vossas mãos que nos chegam as pedras preciosas dos vossos corações. Não temos outra fonte.

É interessante a preocupação dos nossos rapazes mais velhos pela posse duma habitação construída

por eles. É natural. Cresceram num ambiente, onde não lhes faltaram as condições necessárias para uma vida humanamente digna. Agora, ao entrarem no ambiente social, onde as carências habitacionais são muito grandes, sentem e sofrem a falta do essencial. Por isso, vamos fazer tudo o que pudermos para os acompanhar nesta dimensão da sua vida. Ontem, à noite, um dos rapazes mais velhos que já tem o seu emprego, embora pobre de rendimento, pediu-me para o ajudar a comprar um terreno para construir a sua casa. É, sem dúvida, um pensamento muito nobre, mas difícil de realizar, nesta hora em que estamos de mãos vazias. São dezenas que levam o mesmo desejo em seu coração. Quem nos dera um fundo social para este efeito! Vamos também bater à porta do organismo oficial que tem por missão dar alguma resposta a estas situações específicas. Mas, sem a nossa ajuda, o problema não se resolve. Deixo-vos ficar esta inquietação saudável. □

MALANJE

Padre Rafael

Corresponsabilidade

UM dia, a aldeia das baratas decidiu convocar uma reunião e chamar o Soba (Prefeito da aldeia) para lhe fazer uma pergunta. Quando o Soba chegou, uma delas tomou a palavra e perguntou-lhe: «Sempre que nos acontece algo mau, dizemos: é o azar; e queríamos saber o que quer dizer «azar»? O Soba respondeu: «Vou falar com o galo, que é muito inteligente, para que me diga». E partiu para fazer a pergunta ao galo. Quando chegou, interrogou o galo que lhe respondeu: «Olha, para

não ter de o explicar uma centena de vezes, é melhor que amanhã venhas com todas as baratas e assim explico-o uma só vez, para que não haja a menor dúvida».

Na manhã seguinte, depois de uma longa caminhada, chegaram todos à porta do galinheiro. Entrou o Soba e disse ao galo: «Estão todas lá fora à espera»; o galo replicou: «Estão mesmo todas?» «Sim, a aldeia ficou vazia!», respondeu o Soba. Então o galo abriu a porta do galinheiro e as galinhas saíram e banquetearam-se.

Quando o Soba das baratas viu o que estava a acontecer, disse: «Afinal, azar é isto».

Quando o Miguelito, nosso condutor, contou esta história da tradição Quimbundo, começámos a rir-nos de tal modo que tivemos de parar de trabalhar. Mesmo hoje, enquanto a escrevo, escapa-se-me um sorriso. É que por detrás das coincidências, quase sempre, há um galo que as prepara e uma barata com dúvidas que é melhor não perguntar.

Esta semana deixou a nossa Casa o Perereca, que comprou uma casa na cidade para viver com a sua mulher que veio de Luanda.

A verdade é que ele se converteu num bom maquinista de retro-escavadora e está a ganhar um bom salário numa empresa de Malanje.

Outro que saiu, por estes dias, é o Valente que, depois de receber uma harmónica, que lhe enviou o tio Bartolomeu, voltou novamente para as Lundas, a tentar a sorte na terra dos diamantes.

Outros gaiatos, como o «Adão dos patos», estão a trabalhar e outros, como o Cardoso, procuram emprego. Finalmente, alguns ficam a trabalhar cá por Casa, durante algum tempo, tentando amealhar algum dinheiro para organizar a sua vida mais adiante. É o caso de Betinho, Figueira e Dorito.

A pouco e pouco vamos fazendo dos rapazes participantes em ques-

tões administrativas da Casa. Neste momento, o Paulo e o Domini encarregam-se do escritório, um de manhã e o outro de tarde. Por enquanto, estão a ser acompanhados por dois trabalhadores, mas a ideia é que, com o tempo, sejam eles só.

A economia das nossas Casas tem de contar com a participação e o trabalho dos nossos rapazes. É parte da nossa carta de apresentação: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Eles têm de saber e estão sentindo com força que sem o trabalho as nossas Casas deixam de ser uma Obra de trabalho por eles. A transparência e a partilha fazem da economia uma corresponsabilidade sempre necessária. □

Vida em Família



SERÁ logo à tardinha se Deus quiser, no Lar do Porto, o *grande* encontro: o casal, os seus três filhos, três avós e um irmão do noivo de há 25 anos que àquela data era bebé e não existia no nosso firmamento familiar. Da parte da noiva já não há avós. É pena; mas se não os vemos com os olhos, nem por isso eles deixam de estar connosco no espaço imenso da *comunhão dos santos*.

A capelinha já a preparei esta manhã, menos as flores que são fruto do jardim e arranjo da senhora enfermeira Luzia.

Debruçado sobre o quintal, na varanda onde escrevo estas notas, oiço os rumores de D. Henriqueta na cozinha e do «Bonga» a assaar o refeitório e a pôr a mesa que vai ficar um *luxo* a seu gosto. Tudo grande porque pequenino, a partir da essencialidade dos intervenientes e da trivialidade dos nossos recursos. Como gosto de festas assim e rejubilo por ser deste jeito que a Maria José e o Maurício quiseram celebrar as suas bodas de prata!

O encontro dos dois começou em Paço de Sousa quando ela, terminado o curso de Educadora Infantil, fez lá o seu estágio. Tempos alegres em que havia um

grupo ainda numeroso de «Bata-tinhas» com quem ela aprendeu mais concretamente a tratar de crianças. E feliz encontro que os levou à fundação de uma Família que aí está rejuvenescida nas pessoas dos filhos, para quem se deseja um *encontro* da mesma espécie do dos pais.

Quantas vezes chamámos a atenção dos nossos Rapazes em vias de realizar a sua vocação a uma Família — eles, que ainda mais que tantos outros, têm razões para a desejar por a não terem experimentado na linha descendente — para o merecimento de um *encontro* que se procura na Providência paternal de Deus! Nós não sabemos mas Ele sabe, e desde sempre, quem é o par talhado para cada um. E Ele os encaminha, no respeito pleno da liberdade pessoal, por vias que nós julgamos de acaso, para a construção de um lar que O tem por primeiro fundamento e perene garante de estabilidade feliz. Não é fácil; não é miraculoso — é a Fé que nos ajuda a reconhecer e aceitar que esta é a recta ordenação da arquitectura da realidade tão importante para a paz particular e social que é a Família. Quem dera ao Mundo que esta concepção,

nascida, sem dúvida, de premissas religiosas, influísse as mentes para uma cidadania lúcida e generalizada! Penso que mediante um raciocínio por absurdo, pelo contraste aos problemas sociais crescentes e em multiplicação acelerada pela fragilidade da instituição familiar, se chegará à conclusão da fundamentalidade da Família para a organização de uma Sociedade saudável, na amplitude do indivíduo à cidade, desta à nação, até ao universo delas. Basta ter olhos de ver e querer ver; e olhar o Mundo desde o *primeiro* ao *terceiro*, a reparar que aquilo que os distingue, é sobremaneira de natureza material — que em valores do espírito estão cada vez mais próximos na decadência, de norte a sul, de leste a oeste.

Foi nesta visão aberta que celebrámos este acontecimento tão particular, tão anónimo: os vinte e cinco anos de fidelidade do Maurício e da Maria José um ao outro e da consagração dos dois aos seus filhos... e a outros para quem sobra ainda da sua generosidade. Daí a profunda alegria com que o partilhámos com os nossos Leitores que o não são, com certeza, dessa *literatura cor-de-rosa* que por aí abunda em notícias e fotografias que são o avesso desta.

Padre Carlos

PENSAMENTO

Ai, que se todos bebessem as coisas na sua origem, haveria muito mais almas que soubessem compreender a miséria da gente pobre e em vez de os apedrejar, porque viciosos e ingratos, haviam de os amar, arrependidos de terem feito tão pouco em favor deles!

PAI AMÉRICO

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

OS cenários que se têm apresentado como fundo à vida de todos nós, nestas últimas semanas, têm como denominador comum o fogo. Se distantes à vista, mais se avoluma e adensa neles as nuvens de fumo que dele resulta e que preenchem amplos espaços do horizonte. Sempre que os observo no real ou atento às notícias que os dão a conhecer, saltam à ribalta como acontecimento permanentemente repetido, influenciando o modo de sentirmos a vida.

Tem sido uma rotina que nos habitua, com o perigo de nos tornar indiferentes perante um mal que é sinal de tantos males que habitam o homem de hoje, habituado como está à indiferença perante o que o rodeia. Será que o mundo já não é o lar dos homens de hoje? Aquela floresta que se vê arder já só nos interessa quando desfrutamos a frescura e a pureza do seu ar?

O desprezo pelo que não sentimos como nossa propriedade parece ter-se tornado um sen-

tir comum. Em termos teóricos todos sabem dizer o que é bem e o que é mal; mas quem abdica da sua satisfação pessoal para que o bem comum prevaleça?

A tirania dos que detêm algum poder económico sobre os que nada têm, assume hoje dimensões que manifesta um grande desnorte. O desprezo pelos que nada têm salta à vista do mais simples observador. Nem sequer é preciso subir aos mais ricos porque ele vê-se ao nível das classes medianas da sociedade.

Aquele passageiro de avião que sobrevoa e observa gozosamente, lá no fundo, uma multidão de pobres que mercanteiam, num grande espaço, pequenos bens em busca da sua sobrevivência, é uma imagem real que alguém contou e que pode muito bem retratar o sentir de uma outra multidão de homens de hoje. A fractura global que se vem manifestando nas sociedades, pode ter nesta forma de encarar a vida, as suas causas.

Por duas vezes tivemos algum

estranho que, ao início das horas do sono, pegou fogo a um espaço preenchido de mato dentro dos nossos muros.

Por duas vezes os nossos rapazes se aperceberam do clarão das chamas e, de balde na mão, as foram apagar, impedindo qualquer prejuízo.

É preciso que sintamos, mesmo o que não é propriedade nossa, como sendo de nossa pertença. Mas para que haja este equilíbrio é também necessário que em toda a vida social haja equilíbrio (justiça), o qual tem sido destruído por incendiários das boas relações entre os indivíduos das sociedades, levando muitos ao alheamento ou ao descrédito da possibilidade de existir uma vida social com esperança de um futuro melhor.

Volto a olhar o horizonte que avisto de onde me encontro a alinhar estas linhas: A coluna de fumo que vinha observando desde o início, desapareceu. O fumo dispensa-se, e o fogo só é bom quando purifica a vida. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ENQUANTO espero que as pocilgas se transformem num lugar habitável para as duas famílias, agora a viverem debaixo das árvores, fico sem tema para preencher o meu lugar no Património dos Pobres.

Mas porque não hei-de escrever o que me enche a alma? Porque não? Se é uma realidade consoladora a actual multiplicação dos pães?

É, de novo, o Senhor, no seu Corpo Místico, que me manda ir ao encontro dos pobres matar-lhes a fome!... Ele vem com as manifestações mais curiosas e mais belas, em pessoas arrastadas pelo Espírito, a segredar-me por cartas escritas, como oração de confiança: «*Estava para comprar uns sapatos, mas ao lê-lo, renunciei ao meu desejo e, aí vão 40 euros!*»

Que bonita página de Evangelho! Se Jesus, historicamente, pudesse pôr, este caso no seu discurso, não hesitaria. Ele que falou da viúva, com tanto entusiasmo por causa da sua penúria!

Como me eleva e recompensa tão genuína comunhão!

E esta, de um sacerdote? «*Venho enviar-lhe 245 euros para um fogão, para uma família do vosso Património dos Pobres! Para ele partilharem 245 pessoas que concorreram da seguinte forma: Foi colocada uma pequena caixa na Farmácia Central de Alcains. O proprietário deu-me licença. Na caixa um pequeno letreiro com a palavra: um frigorífico; e, como substituí o Pároco, nos domingos 18 e 25 de Julho, pedi às pessoas para lá colocarem o dinheiro de um café, e assim se conseguiu a quantia enviada! Grande colaborador, o proprietário da farmácia e os funcionários que concorreram. Sinto grande alegria na forma que encontrei para conseguir a importância e dou graças a Deus por isso...*»

Os electrodomésticos despertaram muitos Leitores do Jornal. Agora, preocupa-me continuar a distribuí-los pelos mais carentes. Sim, tenho de escolher e, muito que visitar! Mas sei que posso distribuir sem medo, porque, quando estes acabarem, tenho capacidade de comprar mais.

Lí, há dias a reflexão de um grande sacerdote, falando da sua experiência: «*a capacidade vem do Espírito*». Também eu creio e experimento.

Assinante 35082 diz: «*Peço a Deus que vos continue a dar forças e ânimo*», 400 euros.

Maria José: «*Aqui lhe envio 250 euros contribuindo para aqueles que nada têm*».

Maria Madalena: «*Junto cheque de 200 euros destinado às necessidades mais prementes do Património. Que Deus vos continue a guiar nesta nobre causa*».

Assinante 80162: «*É com muita alegria que me encontro a escrever estas linhas para vos enviar um pequeno cheque no valor de 50 euros para os nossos Pobres*».

Como me sinto acompanhado! Que maravilha! O dar, cria jubilo e esta Leitora fala dos nossos Pobres. Quer dizer que os meus, também são dela. «*Os nossos Pobres!*» E continua: «*leio sempre o vosso jornal e penso quanto vos deve custar, querer socorrer tanta miséria e não poder*». É verdade. Por isso os meus escritos brotam sempre de alguma dor. Mas ela conclui: «*mas nada de desistir. Vamos confiar na graça do Espírito Santo e na ajuda de todos. Porque muitos poucos, fazem muito!*»

O Alfredo da Amadora, sempre atento, deposita no NIB do Património 500 euros e recomenda sigilo. Este homem lê o Evangelho de olhos abertos e entende-O.

De Cascais: «*Desejo-lhe muita saúde e muita assistência do Espírito Santo para poder ajudar aqueles que lutam pela vida e não aqueles que apenas esperam que os outros lhes resolvam os seus problemas. Para a participação na sua campanha de electrodomésticos, 500 euros*».

Outra vez Coimbra, em silêncio, 150 euros. Porto: «*Com enorme admiração pela grande Obra do Padre Américo e por todos vós, que vos desgastais na ajuda ao próximo*», 200 euros. Portimão, mais outra leitora: «*Como o senhor padre deve sofrer ao ver tanta pobreza*», 100 euros. É verdade, mas é um sofrimento redentor que se vive, de olhos postos no Crucificado dos nossos tempos. Ele nos seus membros!

Assinante 28825: «*Para dar uma mãozinha a quem precisa*», mil euros. Da Covilhã, sem palavras, dois mil euros.

«*Quero dizer-lhe que o Património dos Pobres me toca profundamente*», 50 euros.

Idem, de Barcelos, e 200 euros, de Portimão.

A Dolores: «*Agradeço muito as vossas orações pelos meus entes falecidos (...) os quais muito se sacrificaram por mim, para que, actualmente, tenha aquilo que eles não tiveram*», 300 euros.

Da Chorsosa 200 euros; e 300 da Alemanha. Mais 50 da Lígia.

Não olhes para os números, repara na comunhão, pois aqueles podem não traduzir a harmonia.

A direcção do Património dos Pobres:

Casa do Gaiato de Setúbal

Algerúz

2910-281 Setúbal. □